

# KARL RAHNER: O FILOSOFAR COMO POSSIBILIDADE DE AFIRMAÇÃO DO ‘*HOMO RELIGIOSUS*’

*“A solução do enigma é a repetição do enigma”*

*Clarice Lispector*

*Antonio Marcio Marques de Queiroz<sup>1</sup>  
Robione Antônio Landim  
Diogo José Ferreira Martins  
Reginaldo Rodrigues Celidonio*

---

QUEIROZ, Antonio Marcio Marques de. LANDIM, Robione Antônio. MARTINS, Diogo José Ferreira. CELIDONIO, Reginaldo Rodrigues. Karl Rahner: o filosofar como possibilidade de afirmação do ‘*homo religiosus*’. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 14, ns. 45/46/47 (Edição Unificada 2008), p. 181-189. 2008.

---

## I. UMA TEOLOGIA COM ALMA

Karl Rahner é considerado um dos grandes teólogos do século XX, não simplesmente pela habilidade em construir seu discurso teológico, concedendo, assim, razões para crer, mas, sobretudo, pelo fato de sua própria reflexão provocar uma experiência de fé, revelando-se “um teólogo que tem a experiência de Deus e que o busca.”<sup>2</sup>

---

1 Graduados em Filosofia e graduandos em Teologia pelo CES/ITASA.

2 SESBOUÉ, Bernard. **Karl Rahner**: Itinerário Teológico. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004. p. 10

Alemão nascido em 5 de março de 1904 em Freiburg im Breisgau, Karl Rahner foi educado numa família normal, na qual não ocorreu nada de marcante, e eram piedosamente cristãos. Tinha sete irmãos. Dentre esses, ele, com 18 anos, e um irmão mais velho, Hugo, entraram para a Companhia de Jesus, este em 1919 e aquele em 1922.

Iniciando seu percurso clássico da formação jesuíta, estudou filosofia em Feldkirch e depois em Pullach (1924-27), onde descobriu o pensamento de Joseph Maréchal, que trabalhava a filosofia de Kant, além de operar uma síntese entre o método transcendental de Kant e a doutrina tomista do conhecimento, que teria importante influência sobre sua filosofia.

De 1929 a 1933 trabalha como professor de latim de seus confrades no juniorado de FeldKirch, e começa seus primeiros estudos de teologia em Valkenburg, na Holanda. No dia 26 de julho de 1932 foi ordenado padre em Munique pelo cardeal Faulhaber. Quando encerra sua formação em 1933-34, o jovem jesuíta será confrontado com o drama de seu país: Hitler assume o poder.

Doutorou-se em filosofia na sua cidade natal, onde teve como mestre Martin Heidegger. A grande influência exercida pelo filósofo sobre o estudante é objeto de debate. Segundo Rahner, o que recebeu de Heidegger é mais da ordem do estímulo do ato de pensar que da ordem do conteúdo. Assim ele se explica: “Em minha teologia, na medida em que ela é filosófica, certamente não se poderia falar de uma influência sistemática de sua parte que chegue até ao conteúdo, mas sim de uma vontade e de uma capacidade de pensar que Heidegger realmente nos inspirava.”<sup>3</sup>

---

3 SESBOUÉ, Bernard. **Karl Rahner**: Itinerário Teológico. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004. p. 17

Não obstante, sua tese de filosofia foi sobre a metafísica do conhecimento em Santo Tomás de Aquino: quais são, segundo o pensamento do santo, as condições *a priori*, isto é, a estrutura fundamental do espírito humano. Sua tese foi rejeitada pelo orientador por conferir espaço demasiado à filosófica moderna<sup>4</sup>, particularmente as idéias de Heidegger.

Por isso e por outras circunstâncias, Rahner é orientado a fazer uma tese de doutorado em teologia, cujo tema escolhido era: “O pensamento patrístico sobre o Coração traspassado do Salvador como fonte da Igreja”. Percebe-se com essa tese que Rahner acrescenta ao seu conhecimento aprofundado da escolástica medieval o das fontes patrísticas da fé. No entanto, Karl não esquece sua formação filosófica; esta, juntamente com a antropologia, terão grande importância em sua teologia.

Por razões do regime nazista ter se instalado no país, Rahner em 1938 é afastado do ensino, partindo, então, para Viena, onde trabalhará em um instituto pastoral. Esta, inclusive, também é uma preocupação presente em sua obra: sua teologia teve sempre em vista o trabalho pastoral.<sup>5</sup>

Em 1948 ele retoma o ensino da teologia em Innsbruck. A partir de 1954, Rahner começa a publicar seus escritos teológicos. Durante este período desenvolve uma atividade impressionante como conferencista e como escritor, assumindo a direção das reedições do Denzinger.

Por ocasião da convocação do Concílio Vaticano II pelo Papa João XXIII em 1959, Rahner é nomeado pelo sumo pontífice como consultor na comissão dos sacramentos, passando a morar em Roma, no Colégio

---

4 Sua pesquisa está permeada pelas questões provenientes de Kant e pelas perspectivas de Joseph Marechal. Cf. op. cit. p. 18.

5 SESBOUÉ, Bernard. **Karl Rahner: Itinerário Teológico**. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004. p. 21.

Germânico. Por fim, é nomeado peritus na Comissão teológica do Concílio, à qual se juntará Henri de Lubac e Yves Congar, entre outros. Foi a partir desse trabalho que surgiu a necessidade de um Curso fundamental da fé, sendo oferecido nos primeiros anos de seminário.

Pode-se dizer que Rahner teve considerável influência sobre o Vaticano II, participando, sobretudo, da preparação da *Lumen Gentium* e da *Dei Verbum* e, em certa medida da preparação da *Gaudium et Spes*. Em 1969 é nomeado por Paulo VI membro da Comissão Teológica Internacional.

Não obstante todos os empreendimentos no campo da teologia, Rahner é criticado por sua tese sobre os “cristãos anônimos”; crítica advinda de Hans Urs von Balthasar, sendo até mesmo acusado de conservador. Em 1984, quando completou seus 80 anos, após um alerta cardíaco, vem a falecer no dia 30 de março.

Apesar de uma escrita teológica um tanto técnica, e por isso mesmo exigente de um grande esforço para lê-lo<sup>6</sup>, Rahner foi ouvido por um público amplo. Ele era, ao mesmo tempo, um grande especulador e um homem muito preocupado com a transmissão da fé. Sua grande questão foi: Como o homem moderno pode crer? E a busca constante de uma honradez intelectual face ao dinamismo da fé.

O teólogo Rahner entende que sua teologia não tem seu fundamento na experiência transcendental, isto é, cindida ou separada da experiência espiritual do homem. Eis a herança espiritual deixada por Santo Inácio de Loyola.<sup>7</sup> Ele quer ajudar o homem moderno a crer.<sup>8</sup> “O drama do homem moderno é viver em uma situação de ausência de

---

6 Idem, p. 29.

7 SESBOUÉ, Bernard. **Karl Rahner**: Itinerário Teológico. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004. p. 32.

8 Idem, p. 32.

Deus, ao mesmo tempo exterior e interior”<sup>9</sup>. Rahner insurge-se contra a miséria e a platitude de um mundo do qual Deus foi exilado.

O homem moderno precisa tomar consciência de que, no profundo de si mesmo, é habitado pelo mistério<sup>10</sup>. A tomada de consciência disso revela, portanto, ao homem, não a ausência do mistério, mas que é habitado por ele. Trata-se de um conhecimento que se dá a partir da sede do absoluto contida em todo homem e que se dá como experiência mística. Assim sendo, o conhecimento de Deus não é categorial, mas “experimentado” ou “recebido” porque Ele mesmo se revela e se dá a conhecer ao ser humano.

## 2. A POSSIBILIDADE DE AFIRMAÇÃO DO ‘HOMO RELIGIOSUS’

Não pretendemos aqui trazer uma novidade, senão uma leitura atenta da Introdução que Karl Rahner (1904-1984) faz em sua obra *Curso fundamental da fé*, preparando-nos<sup>11</sup> posteriormente para a compreensão do seu método teológico-antropológico. Nela, o autor alemão expõe seu objetivo, a saber, uma introdução no quadro da reflexão intelectual acerca do cristianismo. Dito de outra maneira, tal obra não se pretende fazer uma iniciação mistagógica ao cristianismo, com o propósito de uma edificação religiosa, mas sim uma investigação intelectual. Ou seja, Rahner pretende, num primeiro nível de reflexão, justificar com

---

9 Idem, p. 34.

10 Idem, p. 37.

11 O presente texto é fruto de uma reflexão inicial que um pequeno grupo (quatro pessoas) se interessou em fazer de Karl Rahner, pontualmente de sua obra “Curso Fundamental da Fé”. A proposta é que continuemos, nesse mesmo grupo, a nos deleitarmos dessa leitura tão rica e densa, seguindo os escritos trabalhados na bibliografia supracitada.

honradez intelectual a fé cristã, ou, como queira, conceder um caráter de cientificidade ao cristianismo<sup>12</sup>.

Isso, porém, não significa que a reflexão intelectual seja condição *sine qua non* para a fé cristã. Aliás, ressalta o autor, essa nem se faz necessária para aqueles que não possuem uma educação erudita, pois não estabelece intrinsecamente a fé em seu caráter propriamente teológico como assentimento mais firme, senão o próprio Deus que se revela<sup>13</sup>. Quer dizer, então, que é a própria fé a responsável por sua justificação.

Diz ainda que “todos nós com todo o nosso estudo de teologia somos e permanecemos rudes em certo sentido”<sup>14</sup>, pois, mesmo com todas reflexões teológicas existentes, não conseguimos levá-las a termo.

Desse modo, é preciso encontrar uma maneira teórico-científica de dar fundamentação à fé que seja anterior ao desempenho e método da pesquisa científica e teológica atual. Quer dizer que, em seu teologizar, Rahner não parte dos pressupostos metafísicos sobre os quais se baseia a fé<sup>15</sup>, mas da estrutura *a priori* que o sujeito cognoscente possui para acolher tais proposições. Karl Rahner considera o homem filosoficamente como abertura à auto-transcendência em Deus e capaz de receber o dom gratuito da autocomunicação de Deus a ele. Dessarte, o homem teologicamente é criado por Deus e para Deus e a humanidade existencialmente orientada para o esperado evento da mais elevada comunicação possível de Deus, ou seja, a encarnação do Verbo (Jo 1, 14), que é o ápice da revelação (Gl 4, 4).

Sendo assim, perceberá que o processo epistemológico é muito mais complexo do que imaginamos. Não se deve ter uma concepção

---

12 RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé**: Introdução ao conceito de cristianismo. Trad.: Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989. p. 06.

13 Idem, *Ibidem*, p. 19.

14 Idem, *Ibidem*, p. 20.

15 Idem, *Ibidem*, p. 29.

simplista de que o conhecimento consiste na inscrição do objeto na mente como que vindo de fora, como por exemplo, as letras sobre o quadro negro<sup>16</sup>; ou ainda uma concepção realista em que o conhecimento é a correspondência entre a proposição e o objeto.

Na verdade, no processo de conhecimento, o sujeito cognoscente possui o objeto e a si mesmo. Isto é, no simples ato originário de conhecer não se sabe apenas algo (objeto), mas também é sabido conjuntamente o próprio saber do sujeito que conhece<sup>17</sup> – é o que Rahner chama de “O sujeito como implicado no conhecimento”. Isso é característica de todo conhecimento.

Bom, mas se para o conhecimento de objetos empíricos o tempo e o espaço são condições *apriori* e essenciais para que se conheça, qual seria então, a estrutura *a priori* dessa autopossessão?

Rahner dirá: “sem prejuízo de toda mediação dessa autopossessão pela experiência espaço-temporal de objetos dados sensivelmente, este sujeito é basicamente e por sua própria natureza pura abertura para o todo simplesmente, para o ser como tal”<sup>18</sup>. Mesmo quando se nega tal abertura essencial do homem para o transcendente, implicitamente afirma-se a mesma. Tanto é que afirma Rahner: “À medida que se percebe condicionado e limitado pela experiência sensível, limitação que, aliás, o afeta em demasia, ele já transcendeu essa experiência sensível e assim se colocou como sujeito de uma pré-apreensão sem limites internos”<sup>19</sup>.

Conseqüentemente, essa experiência é descrita pelo teólogo alemão como experiência transcendental. É experiência porque “é

---

16 SESBOUÉ, Bernard. **Karl Rahner**: Itinerário Teológico. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2004. p. 30.

17 Idem, p. 32.

18 Idem, p. 32.

19 Idem, p. 33.

condição da possibilidade de toda e qualquer experiência concreta de qualquer objeto”<sup>20</sup>. Porém, essa experiência é de natureza atemática, isto é, só se pode representá-la objetivamente em um conceito abstrato<sup>21</sup>.

É chamada transcendental, porque faz parte das estruturas necessárias para o processo de conhecimento. Acrescenta ainda que essa experiência não é somente de puro conhecimento, mas também da vontade e da liberdade. É um perguntar pela gênese e pelo destino do sujeito cognoscente, fazendo uso da liberdade.

Visto que nessa experiência transcendental o sujeito está sempre orientado para o mistério, então, se faz sempre presente na sua estrutura apriorística o conhecimento atemático e anônimo de Deus. Noutros termos, surpreendentemente o mistério com sua incompreensibilidade é o que existe de mais evidente <sup>22</sup>.

Do que foi dito acima, conclui-se que somente quando o homem começa a perguntar-se pelo próprio pensar mesmo – exercício que chamamos de filosofar – somente quando volta sua atenção para o espaço do conhecer e não só para os objetos do conhecimento entendidos categorialmente no espaço e no tempo, somente então é que o sujeito pisa no limiar do *Homo Religiosus*.

## REFERÊNCIAS

RAHNER, K. **Curso Fundamental da Fé**: Introdução ao conceito de cristianismo. Trad.: Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989. p. 5-36.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. Trad. João Paixão Netto. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p.223-237.

---

20 Idem, p. 33.

21 Idem, Ibidem, p.34.

22 Idem, Ibidem, p.35-36.



MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. Trad. José Fernandes. São Paulo: Paulinas, 197. v. 1, p. 95-120.

SANNA, Ignazio. **Teologia Transcendental**. In: \_\_\_\_\_. **Karl Rahner: Teólogos do Século XX**. Trad.: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2004. p. 87-100.